

Petala Parreira:

Sozinha na prisão masculina



Novo escândalo no Brasil: Jovem nua mantida por um mês na prisão masculina:

Cada ano se descobrem casos, em que meninas e mulheres jovens presas pela polícia são trancadas em cela com homens, normalmente como única moça entre vinte ou mais rapazes e homens sedentos e famintos de corpo de mulher. Algumas jovens passam só um dia nessa situação perversa, outras semanas ou até meses. Alguns casos chegam a serem públicos e passam por jornais ou até pela televisão. A justiça tem conhecimento de dez ou quinze casos por ano. Mas presume-se que a maioria dos casos nunca é descoberta, porque as meninas não falam por medo e vergonha e os policiais, agentes e também os próprios presos se ajudam com testemunhos falsos. Por isso muitos calculam que no mínimo umas 50 meninas e moças por ano são obrigadas a ficarem em celas masculinas. Elas sofrem humilhações, estupros em massa, prostituição forçada, violência física e psíquica, doenças e gravidezes indesejadas. Com a ajuda da Comissão dos Direitos Humanos e da Organização Piranhas para Jesus uma jovem, que foi abusada por dez

dias em uma quantidade absurda e desumana foi entrevistada e contou toda a sua passagem pelas mãos de inúmeros presos e também agentes cruéis, perversos e impiedosos:

“Esperei por mais de três horas em uma cela muito suja, com o vaso no meio dela totalmente entupido antes de ser chamada. Foi levada a uma sala onde me fizeram perguntas, mas não respondi. Sabia muito bem por que fui presa, porque me flagraram feio, vendendo drogas a um policial de paisana. Burrice minha, mas fazer o que... Por isso fiquei calada, sabendo que com 17 anos era ainda menor e não poderia ser presa por muito tempo. Muito menos em uma prisão normal. Eles perguntaram se fui já presa antes. Nunca fui presa, só comecei essa coisa com as drogas por causa de meu primo. Mas não respondi a eles.

Aí um deles falou que eu poderia sofrer muito se não cooperar, mas eu não respondi. Aí ele falou para me investigarem e eles me tiraram as roupas. Não me defendi, porque eram muitos policiais e não queria ser batida. Depois eles me investigaram e perguntaram se eu fosse ainda virgem. Quando não

respondi me deitaram nas costas e verificaram se estivesse ainda com meu cabaço. Quando repararam que estava sem, perguntaram se eu já fiz programa. Não respondi e eles me colocaram em pé e me mandaram me curvar para expor meu cuzinho. Mandaram abrir as nádegas e eu obedeci porque pensei que poderiam bater em mim. Um policial vestiu uma luva de borracha e enfiou um dedo. Ele ficou por muito tempo em mim, talvez uns cinco minutos, conversando com os colegas sobre meu cuzinho e socando nele, e eu fiquei com muita raiva dele, mas não disse nada. Finalmente perguntou se eu sei chupar. Não respondi e ele socou mais forte no meu cuzinho. Perguntou de novo, e quando não respondi, me deu um tapa forte na bunda. “Responde, sua puta, ou vai ganhar mais.” Fiquei com raiva que ele me chamou puta, porque não sou, e em toda a minha vida só dormi quatro vezes por dinheiro com homens. Com raiva respondi: “Sei chupar melhor do que o senhor.” Eles gostaram dessa resposta e falaram: “Mostra.”

Não me defendi, quando o cara tirou seu dedo do meu cuzinho e se colocou na minha frente. Ele esperou e finalmente disse: “E aí, não vai mostrar a sua capacidade? Abre minha calça e chupa, menina.”

Abri a calça dele, e puxando o pau com os dedos para fora ele já endureceu. Enfiou-o até a metade em minha boca e morde com toda a força.

Ele gritou e fiz um pulo, mas eu fiquei presa nele e não soltei. Começou a bater em mim, mas só quando me deu um soco tão forte na cabeça que vi escuridão e estrelas, não consegui mais manter a boca fechada e soltei-o.

Eles me seguraram querendo bater mais em mim, mas sangrei do nariz e aí eles pararam. O cara machucado parou de uivar e gritou: “Você vai se arrepender, sua puta, vai se arrepender!” e em seguir falou baixinho com uns colegas antes de sair para ser levado para um hospital.

Só me deram minha blusa de volta, mas em lugar do shortinho me deram uma saia curta, que buscaram do depósito, e também não me deram minha calcinha. Assim me levaram

para outro corredor da prisão municipal, e ao fundo dele abriram uma porta e me empurraram em uma cela maior.

A luz dela era desligada, só um televisor estava aceso, e por isso reparei só uns segundo depois as pessoas deitadas nas camas e em parte no chão. Já era noite, e algumas já dormiram. Eram homens, e não consegui enxergar mulher nenhuma. Comecei a gritar atrás dos policiais para alertar que cometeram um erro, e assim todos os homens acordaram e viram logo que eu era uma menina. No início começaram a me cortejar e flertar todos de uma vez, me mandaram sentar-se à mesa e me deram biscoitos e fizeram mil perguntas.

Mas já, já começaram a tocar em mim, e quando repararam que estava sem calcinha, falavam: “Que puta safada” e “Que puta boa” e “Que puta gostosa” e um homem, que era evidentemente o chefe da cela, me mandou tirar a roupa e deitar na cama dele. Recusei-me e ele falou: “Tudo bem, queria só seu bem, você seria só a minha puta. Já que você não quer vou deixar que todos podem se servir. Mas vou ser o primeiro.”

Com isso me punham em pé e me tiraram as roupas. Não adiantou eu estrebuchar e gritar

Mostra que vc é uma evangélica boa, chupa com paixão e amor.

Se ela fosse uma evangélica boa já estaria de buceta gotejando.



por socorro. A única reação era só que de outras celas do corredor, onde os presos acordaram do barulho, se ouviram gritos e vozes perguntando o que houve. Quando um rapaz da minha cela informou que ele tinha uma menina na cela os presos das outras celas gritaram: “Fodem ela” e coisas semelhantes.

Mas não se precisava desse incentivo, foi o que os homens já planejaram antes. Foi fácil para eles tirar minha saia. O que é sempre mais difícil é tirar um shortinho ou uma calcinha, mas eu não possuía mais essas peças. Mesmo assim me defendi quando tiraram minha camisa, para ganhar tempo. Esperei que os policiais fossem reparar seu erro e me buscar. Mas recebi um tapa forte e um homem gritou: “O que é que se quer, puta? Anda sem calcinha, então é puta. E puta é para abrir as pernas, né?”

Quando fiquei nua eles me deitaram no chão e um depois do outro me estuprou. Vinte e quatro homens. E quando o último estava pronto comigo, os primeiros foram novamente cheios de tesão e assim eles me estupraram a noite toda sem parar.

Cedo da manhã chegou um café e um pãozinho para cada um. Não quis comer nada, deitei esgotada e suja no chão, esmagada e quebrantada e mesmo em toda essa fraqueza revoltada, mas eles me levantaram, colocaram em baixo do chuveiro frio e sujo, e depois me fizeram beber o café e comer o pão. Falaram “Quem trabalha deve também comer.”

Fiquei nua o tempo toda e pediu a minha roupa, mas eles pediram para eu continuar nua para eles e começaram novamente a me apalpar, ainda quando nem acabei meu café, porque mastiguei lento para ganhar tempo. Mas não adiantou. Eles me colocaram em pé, me seguraram e me abriram com as mãos nos dois lados. Outros amassaram meus peitos. Por volta de dez horas chegaram três policiais e me chamaram. O rapaz que transou comigo nesse momento, me soltou assustado, e eu fugi logo. Os policiais perguntaram por que eu ficava nua e se eu pretendia seduzir os presos ou os policiais. Falei: “Fiquei nua porque vocês me trancaram junta com esse bando de sujeitos perversos.”

Eles mandaram para eu me vestir, mas não

achei minhas roupas, e então eles me algemaram e levaram nua. Quando passei em frente das outras celas, homens se agarraram nas grades como macacos e uivaram como cachorros. Comecei a alargar os passos, mas os policiais que me seguravam andavam muito lento.

Levavam-me para a sala do dia anterior e perguntaram se dormi bem. Respondi:

“Vocês sabem muito bem. Me deixaram sozinha com esses perversos. Vocês são iguais a eles, uns porcões.”

Eles se olharam: “Você ainda não aprendeu ser mais educada, menina? Olha em você mesma.”

Eles me colocaram em frente de um grande espelho. Vi como eu era suja, e a porra estava correndo da minha vagina pelas coxas para baixo, e também nos meus peitos e no meu rosto grudou porra. “Quem é aqui a porca?” perguntaram.

“Eu sou suja por sua culpa e sem querer, mas vocês são sujas porque têm a mente cheia de perversão. As cabeças cheias de merda e porra.”

Para eu não mais falar assim eles me

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

